

REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

—♦♦♦—

SUMMARIO. — Uma pagina da historia, os Huguenotes; Ensaios litterarios, o sonho acordado. — Poesias: o X; Protesto; Eugenia. — Chronica.

—♦♦♦—

Uma pagina da historia

(OS HUGUENOTES)

Em quanto a nata da sociedade fluminense affue hoje ao imperial theatro, uns para ouvirem a musica de Meyerbeer cantada pelos *rouxinoes* da presente estação e outros para ostentarem n'aquele mundo de luzes, de harmonias e de perfumes o luxo e a variedade de seus *toilettes*, sem nada comprehender do motivo da opera, nem das bellezas da musica; em quanto os *cambistas*, à porta do theatro e à despeito da *vigilancia* da policia, abusam do gosto artistico dos não-assignantes, vendendo cadeiras por um prego fabuloso; em quanto o Sr. Ferrari calcula os rendimentos da noite, e a mocidade academica — que é o barometro das estações lyricas — marca do alto de seus *minaretes*, pela

intensidade dos aplausos, as variações da companhia, nós alheiando-nos um pouco ao presente e folheando rapidamente algumas páginas da historia, procuraremos ver, através da espessa camada do pó de 306 annos, o que foi essa triste hecatombe que, para vergonha do seculo XVI, se chamou a noite de S. Bartholomeu, e servio de thema à Meyerbeer para uma de suas melhores composições — os Huguenotes.

Não trataremos do modo por que se fundou essa formidável seita que, tendo por chefes o rei de Navarra, o principe de Condé, o almirante Coligny e outros, tanta receio inspirou ao partido catholico francez de que eram chefes o duque de Guize e o condestavel de Montmorency; não trataremos dos calculos astuciosos da rainha Catharina de Medicis, no sentido de neutralisar as divergencias, afim de que do choque das paixões não resultasse a queda da corôa real da cabeça de seus filhos; não trataremos, tão pouco de outros factos que são corollarios deste, como a conspiração de Amboise, a formação de um terceiro partido á cuja frente se achava o chanceller de l'Hôpital etc., etc.

São factos cuja analyse não cabe n'uma ligeira apreciação, e por isso, deixando-os de lado, tomaremos para ponto de partida o reinado de Carlos IX, procurando nos restrictos limites de um artigo frisar bem essa série de infamias, que começou por ter aquella rainha, no caracter de regente, permittido aos huguenotes o livre exercicio de seu culto, e terminou por ter ella mesmo aconselhado o extermínio de Coligny e de seus companheiros do modo mais vil e mais ignominioso que se pode imaginar!

Nunca o requinte da falsidade subio a tão alto grão: após tres sanguinolentas guerras, travadas no curto espaço de sete annos; após o tratado de Saint-Germain, em 1570, pelo qual permitiu-se completa liberdade de culto aos calvinistas; após a fingida reconciliação, em virtude da qual os chefes huguenotes foram chamados á corte e Henrique de Bourbon, rei de Navarra, desposou Margarida de Valois, irmã de Carlos IX, após tudo isto, Catharina de Medicis, aproveitando-se da fraqueza de seu filho e da sua inaptidão para o governo, une-se á Henrique de Guize e aconselha a matança d'aqueles que descancavam na fé dos tratados, ou antes, que haviam tido a ingenuidade de acreditar nas promessas fallazes de uma corte corrupta, onde, sob a capa da religião, só predominavam vistos ambiciosas.

Nunca o requinte da falsidade subira á tão alto grão, nunca uma conspiração fôra tão bem urdida!

Quando Coligny, á quem Carlos IX chamava de pae, se julgava nas boas graças deste rei e devia ser posto á testa do exercito francez, para ir combater contra Felippe II de Espanha, segundo um tratado celebrado com Isabel de Inglaterra; quando ainda Henrique de Bourbon se achava quasi que na sua lua de mel, no interior do *Louvre*, sob o mesmo tecto em que elle dormia com sua esposa, dispunha-se o massacre d'aquelles que partilhavam de suas crenças.

Tão negra traição não podia se manifestar á luz do sol: E só durante a noite que os vampiros sugam o sangue de suas victimas; por isso, antes que fosse dia, antes que a aurora surgisse com suas vestes de ouro, deu-se o signal convencionado; as portas do *Louvre* giraram sob seus pesados gonzos, e a guarda real, a soldadesca infrene, ás ordens do duque de Guize, Retz e Tavanes, invadio as ruas de Paris; e semelhante á torrente que vaise tornando mais impetuosa á medida que se lhe reunem pequenos tributarios, aquella horda augmenta com os bandos de burguezes armados que sahiam das casas onde d'ante-mão haviam sido occultos.

Na sua missão exterminadora, nada os detêm; a fragilidade da mulher, a innocencia da criança, a decrepitude do ancião, em summa, tudo o que é proprio para despertar a sensibilidade do coração humano — não os commove.

Impellidos pela força do fanatismo, praticam as maiores atrocidades; arrombam portas, saqueiam casas, mutilam cadáveres e os esmagam á pata de cavallos, — tudo por amor da religião, para gloria da igreja e salvação da patria!

E no entanto Paris dormia!

A Babylonie moderna — metropole dos prazeres — estava entregue ao seu abandono voluptuoso, enquanto o Sena, pequeno *Euphrates*, lhe desferia as endechas soluçantes de suas aguas!

Depois — o clarão do dia, o estrepito da luta, e o toque de rebate, partido de todas as igrejas, a dispersam: a populacão inteira se ergue, como a mulher sobresaltada que deixa as alvas rendas do leito e não cora de se mostrar em descalço — semi-nua.

Reina a confusão, e a matança recrudesce: os huguenotes, apanhados de surpresa, tratam antes de fugir do que offerecer resistencia. Muitos fidalgos da corte do rei de Navarra, que nessa noite haviam dormido no *Louvre*,

ahi mesmo foram mortos, e até um d'elles, M. de Tejan, escapou de o ser na propria alcova de Margarida de Valois, onde, já ferido, se refugiara. Eis como a propria rainha narrou esta occurrence :

« Eu estava dormindo; minha criada, ouvindo bater à porta e julgando que fosse o rei, meu marido, apressasse em ir abrir-a: era M. de Tejan, que, ferido e perseguido por quatro archeiros, buscava escapar á morte; os archeiros não o deixam, e elle, para se livrar, atira-se sobre o meu leito. Eu, vendo estes homens ao pé de mim, lanço-me entre a cama e a parede; Tejan segue-me, amparando-se sempre a meu corpo; ambos gritavamos, ambos estávamos aterrorizados. Emfim, foi Deus servido que apparecesse M. de Nancey, capitão das guardas, exprebrasse muito a indiscrição dos archeiros, e os fizesse retirar, confiando-me a vida deste pobre homem, que eu fiz tratar no meu gabinete, até ficar completamente curado. »

Esta succinta narração basta para nos dar uma idéa do delírio de que se achavam possuidos os comparsas d'aquelle horrivel drama; e se nelle alguma cousa pôde haver de consolador — é a piedade da rainha de Navarra, em oposição aos instintos sanguinarios de sua mãe e aos desvairos de seu irmão.

Este, das janellas do Louvre, contemplava, satisfeito, os corpos que eram arrastados pela correnteza do rio, uns já cadáveres e outros ainda com vida, porém em lucta com a morte; e, o que é mais ainda, empunhando uma espingarda de caça, atirava sobre aquelles que conseguiam salvar-se!

Na opinião de muitos escriptores, Carlos IX, em tudo isto, não foi mais do que o joguete do fanatismo universal: para nós, que não temos a vaidade de pretender os fôrmos de escriptor, elle foi simplesmente um imbecil, um rei manequim, que Catharina de Medicis, Henrique de Guize e outros ambiciosos, moviam á seu talante. Incapaz de reflectir sobre o mais simples problema que se pôde apresentar no complicado mechanismo do governo de uma nação, nem mesmo como homem tinha o que se chama — carácter; e nem outro cousa se pôde dizer de quem confessava no circulo íntimo de seus amigos estar cheio de remorsos, por haver pactuado na matança dos huguenotes, e vae depois, no parlamento, jus-

tificar o seu acto, accusando Coligny de haver meditado uma revolução !

Nesse desencadeamento de paixões populares e de odios reprimidos por tantos annos, era natural que o almirante Coligny fosse a vítima preferida. Elle era o *polypo* de mil braços que, fixado ao partido catholico, não o deixava estender-se livremente; era necessário matar o monstro; era necessário que a espada de Besme se cravasse n'aquelle peito, se embebesse n'aquelle sangue e decepasse aquella cabeça.

Atacado em seu proprio leito, onde jazia desde a manhã de 22, em consequencia de um tiro que recebera, sahindo do *Louvre*, Coligny alli mesmo foi morto e arrastado para uma estrebaria proxima, onde lhe cortaram a cabeça, para ser enviada ao papa, segundo uns, e ao rei de Hespanha segundo outros. Morto na noite de 24, ainda no dia 27 reunia-se o parlamento para o condemnar a ser depenurado em um patibulo na praça de Grève, e depois levado para as forcas de Montfaucon!

Muitos foram os episódios desta sanguinolenta tragedia que durou cinco dias e que, de acordo com as instruções secretamente expedidas, se estendeu de Paris à França inteira, dando em resultado a morte de 100:000 almas, segundo calculos aproximados; muitos foram os actos de canibalismo praticado pelos *defensores* do catholicismo, e como synthese de todos elles, diremos que a execução do cadáver de Coligny foi honrada com a augusta presença de seu filho Carlos IX, a quem era « agradavel respirar o mau cheiro de um cadáver de inimigo ! »

Por seu lado, o Vigario de Christo na terra, o grande e piedoso Gregorio XIII, insigne fabricante de calendarios, não quiz que se occultasse na caligem do tempo esse *triumphus* da christandade sobre a heresia, e para o perpetuar fez pintar na Capela Sixtina um fresco representando a noite de S. Bartholomeu !

Ao Todo-Poderoso renderam-se mil gracas, pelo extermínio dos inimigos da igreja, e para se conhecer até que ponto chegava o fanatismo e a perversidade do clero de então, que, salvo honrosas exceções, não era peior do que o de hoje, citaremos aqui alguns trechos de sermones allusivos ao acto :

« Oh! noite memorável! noite gloriosa entre todas nos fastos da historia. Pela morte de alguns sediciosos, ella salvou a vida do rei e livrou o reino da continua apprehensão das guerras civis!

« Sim! sem duvida, durante esta noite as proprias estrelas mostraram-se mais brilhantes, e o Sena augmentou o volume de suas aguas, para mais rapidamente arrastar os cadaveres desses homens impuros e os lançar no oceano.

O' feliz entre todas as mulheres, feliz a māi do rei, que, depois de haver trabalhado durante tantos annos, com uma sabedoria e uma solicitude admiraveis para conservar o reino á seu filho e seu filho ao reino, pôde, enfim, sem nquietação, ver seu filho senhor da França!

O' felizes tambem os irmãos do rei! Emfim, santissimo padre, que dia de alegria aquelle em que, recebendo esta noticia quizestes ir agradecer á Deus e ao rei S. Luiz (porque este acontecimento se deu na vespresa de sua festa) e em que fostes á pé assistir em sua igreja as solennes accções de gracas ordenadas por vós. »

Isto pregava o padre Muret, em presencia do papa, alguns dias depois do lugubre successo.

Carlos IX não podia deixar de ter tambem o seu panegyrico: delle se incumbio o padre Panigarolle, que um anno depois foi nomeado bispo de Ferrara e mais tarde de Asti. « Carlos IX (exclamava este sacerdote dirigindo-se ao rei) sacrificou sua felicidade e seus interesses para fazer observar a lei do Senhor.

« Ele será immortal nos céos, será immortal na boca dos homens, por ter expôsto sua vida, sua dignidade real á tantos perigos, em favor da religião e do povo.

« Apenas com um signal de seus lábios, elle expellio a heresia desde o Garonna até os Alpes, desde o Rhodano até o Rhine. »

Eis, em ligeiros traços, o que foi a matança dos huguenotes, sobre que assenta a opera de Meyerbeer, que a esta hora se representa no imperial theatro.

Se as bellezas da musica e a boa interpretação dos papeis por muitas vezes nos têm arrancado aplausos n'aquele recinto — a lembrança de tudo o que fica ex-

pendido tambem nos tem feito d'ali sair sob o peso da
mais dolorosa impressão.

E' que para nós a noite de S. Bartholomeu, longe de ser um acontecimento glorioso para a historia da igreja, é uma de suas maiores maculas, é uma pagina que não devia existir no livro dessa historia !

Agosto—24—78.

M. VALLADÃO.



Ensaios litterarios

O SONHO ACORDADO

(FANTASIA)
(Fantasia)

A JOSE' FAUSTINO

Quem, no verdor da mocidade, não terá sonhos felizes e pesadelos horriveis? Quem, na estação matutina da vida, não verá passar, entre as nevoas bellas e inebriantes de suas primeiras manhãs, mulheres de fórmas divinas, descuidosamente envolvidos nas finas gazas da aurora; e, entre as sombras tetricas e pavorosas de suas primeiras noites, aparições de aspecto aterrador, completamente embuçadas no lugubre manto das trevas?

Quem, nesta idade, meu Deus, não terá a mente — ora escaldada como um vulcão activo e intenso cuja cratera só vomita vida e esperança, — ora fria como uma gruta sombria e triste onde reina inacção e desanimo, e onde a voz humana, se perdendo no labyrintho de suas abobadas, echôa, de um antro a outro, tremula e funebre como o dobrar de um sino?

Quem, então, não terá um triplice coração: — indiferente e grave como o do homem de hontem, — ambicioso e

positivo como o homem de hoje, — e esperancoso e progressivo como o do homem de amanhã?

Quem, finalmente, nesta idade fagueira, rica de emoções, superabundante de seiva, exuberante de crenças; nesta idade, — chave de todas as felicidades, — arca de todas as delícias, — oráculo de todos os prazeres, — cofre de todas as venturas da vida; quem, nesta idade de sonhos dourados, de aventuras felizes, de paixões ardentes, não terá a natureza, — ora alegre como a do canário, — ora triste como a da rôla, — prazenteira como a do colibri, — saudosa como a da pata-tiva, — inconstante como a da borboleta?

— Ninguem!

Nobre ou plebeu, rico ou mendigo, venturoso ou desgraçado, anjo ou demônio, genio ou montecapto, sabio ou ignorante; no ruido das cidades ou na solidão dos ermos, no marmore dos templos ou na relva dos campos, sob a torre dos palacios ou sob o colmo das choupanas; deslizando sobre sedas e velludos ou tropeçando sobre cardos e urzes, subindo olympos e capitolios ou descendo abysmos e infernos, sorrindo à vida por entre as alvas cortinas de um trono ou lastimando a morte por entre os negros crêpes de um tumulo; todos sentem as mesmas emoções da mocidade.

Para todos o céu tem estrelas, as estrelas — brilho; para todos o espaço tem ar, o ar — vida; para todos o mar tem sereias, as sereias — encantos; para todos a terra tem prados, os prados — flores; as serras têm valles, os valles — verdura; os campos têm varzeas, as varzeas — regatos; as mattas têm palmeiras, as palmeiras — leques; os leques têm passaros, os passaros — cantos; os cantos têm sons, os sons — harmonia; finalmente, para todos a mulher tem amor, o amor tem delícias, as delícias têm vida, a vida tem poesia, a poesia tem sonhos, — sonhos de tristeza, sonhos de alegria, sonhos de desanimo, sonhos de esperança.

Ai! e como se é feliz quando se sonha!.

Quanto é deleitável adejar as purpureas azas da fantasia, no encantado reino das illusões, em torno do dourado pomo da felicidade!.

Como é doce o despertar suave pelas auras inebriantes da ventura, no leve batel veleiro do ideal ameno, quando já sem sentidos boiamos nas cavadas ondas da descrença, batendo como naufragos nas fragosas rochas da realidade!.

• • • • • • • • • • • • • • • • • •

Sentia-me verdadeiramente triste. Como o assassino, que busca em balde fugir á sombra ensanguentada da victimá de seu punhal, porque é a sombra da propria consciencia que o persegue, em vão eu fugia da tristeza, que era a sombra de perseguir. Aqui, no prado, purpurea flor com matizadas petalas me deslumbra; pressuroso vou colher a bella rosa, e, mal me curvo para ceifal-a, tenho ante os olhos a roxa saudade! Ali, no arvoredo, marchetado passaro com canora voz me chama; contente corro a ouvir o cardeal, e, mal me approximo para aprecial-o, me fere os ouvidos o sinistro pio de negro mocho! Além, no monte, limpida fonte com crystallinas aguas me attrahe; sedento avanço a matar a sede, e, mal busco sacial-a, em negro espelho vejo minh'alma negra! Que terrivel visão assim me persegue? Que horrivel espectro assim me atormenta? Que magico fantasma assim me acompanha?

— A descrença!

Sim! era a descrença, — esta imagem do desespero, esta noite da fé, esta treva da esperança, esta sombra do coração que tantas vezes é o crepusculo alvífareiro da gloria, sol da mocidade, — que, com encantado condão, transformava o scenario de minh'alma, onde representava o scepticismo, drama infernal da desesperação. Medonho contraste eu via ahi: em tudo — transformações horriveis que faziam meu coração debater-se de encontro as graníticas rochas do desengano, como o desgracado, em sua queda, nas paredes ponteagudas do profundo abysso em que o lançara o desespero da vida! Trágico enredo me escaldava a mente delirante: era uma luta tremenda em que eu sentia o desabar formidavel do castello brilhante das crenças e das illusões queridas, que tinham afagado meus tenros dias; era um pesadelo cruentante, semelhante ao ultimo sonno do suppliciado, que, sonhando com as galas da salvação, acorda nas sombras da morte, subindo os degráos da guilhotina que o separam da vida, que o afastam para sempre do pae, da mãe, da esposa, do filho, do amigo, da felicidade, em summa, fruinda na sinceridade de sua amizade, na graca de seus brinquedos, na ternura de seus encantos, na docura de seus carinhos, na amenidade de seus conselhos.

Tudo se reflectia nas pupillas de meus olhos, tomando formas estranhas, formas diferentes daquellas de que o meu cerebro guardava as impressões. A vara magica do scepticismo transfigurava, hediondamente, tudo: — embuçando a honra com o manto da ignominia, — vestindo a virtude com a libre do vicio, — envolvendo a justica com os andrajos da iniquidade, — chafurdando as puras vestes da moral na possilga, na lama immunda da corrupção, — derribando o trono da verdade, — derrocando o pedestal do bem, — destruindo, emfim, o templo do Divino, e erigindo, sobre os seus sagrados destroços, as negras columnas da impia caverna, onde habita a sinistra ave da escuridão, o roedor abutre das crenças, — o pyrrhonismo.

A descrença me tinha convertido em sceptico, e o scepticismo acabava de me chrismar — pyrrhonio.

Precipitei-me, então, de todo, na voragem da desesperação, nas dilatadas fauces das trevas!

E' que a descrença e o scepticismo são o espirito do pyrrhonismo: acompanham-no, passo á passo, como a sombra ao corpo; seguem-no, linha á linha, como o vicio ao crime; mas, esta trindade detestavel foge attonita e offuscada ante a verdade, como as trevas ante a luz. Como estas, tambem são phenomenos incompatíveis: onde reinam descrença, scepticismo e pyrrhonismo — não existe verdade, e onde impera esta — não se conhece aqueles.

Em um minuto de pyrrhonismo, que era um seculo de tédio, de desanimo e de horror à vida, olhei para o céo, para o espaço, para o mar, para a terra, e em tudo, em todas as partes da criação, desta revelação sublime, se achava estampada, em caracteres ardentes que me fanavam a alma, a palavra — mentira! Tudo era mentira, tudo era illusão, tudo era, finalmente, torpe engano, que sempre me afagára, para, então, desapiedado, jungir-me aos ferros do desespero. Se pensava na fama, nesta divindade feiticeira que tanto me encantava, — deduzia que era uma chi-méra, um sonho, um meteóro que passa, uma nuvem que se dissipá, e nada mais. Se pensava no amor, neste fluido suave, essencial da vida, — sentia o coração afogar-se no odio, neste liquido candente, veneno d'alma. Se pensava na honra, nesta virtude sublime que tanto tem embalado meus sonhos de mancebo, presidindo todos os meus actos, — vi-a calcada aos pés da ignominia, agrilhoada ás garras da opressão, humilhada pela hypocrisia, dragão vil e trai-

coeiro que, dissimulado em virtude, corroeu o mérito, macula o puro, e estrafega o sâo.

Finalmente, nada possuia, n'aquelle instante, valor real ante os meus olhos: não havia justica, não havia merecimento; eram os mesmos — o bem e o mal, — a virtude e o vicio; e tudo era illusorio, e tudo era frívolo, e tudo era fugace, e tudo era instável — como o fumo que se evapora, como a luz que se extingue, como o vento que passa, como o fagueiro sonho do ligeiro sonno que se dorme.

Eu tinha desrido de Deus, dos homens, de todos e de tudo! Uma pezada lethargia absorvia todo o meu ser, e, perplexo, tinha a mente mergulhada nestes abominaveis pensamentos, quando um raio emanado de luz divina, nuncio das crenças que me abandonaram, vem de novo banhar minh'alma nas aguas da fé, vem de novo fortalecer meu coração com as méses da esperança. Lembrei-me, então, da infancia, da mão que embalou o meu berço, do amor: — lembrei-me de Deus. Lembrei-me do futuro, da felicidade, da immortalidade de um nome: — lembrei-me da gloria. Tinham-se dissipado as negras nuvens que escureciam minh'alma, e esta, reivindicando as illusões que a alimentavam, entregou-se, com embriaguez, á meditação do porvir, e, dentro em pouco, principiou a fantasiar.

Rio de Janeiro, em 1874.

TITO AMARAL.

Continua.

O X

AO AMIGO E COLLEGA ALVARO DA COSTA

'Stou ~~amolado~~, meu velho,
Não quero mais estudar,
Pois receio que a ~~cachola~~
Venga-me um dia a estourar ;
Não faço nada na *Escola*,
Não nasci p'ra calcular ;
Vou antes cavar minhocas
Ou então... fazer pipocas.

Tem cousas a tal sciencia !
Parece até gaiatada !
Haverá quem acredite
Que exista a *raiz quadrada* ?
Haverá quem não hesite
Em tomar essa pitada ?
— Não entendo o *qui-pro-quô*,
Cada vez 'stou mais a *quo* !

Raizes tortas, compridas.
Grossas, finas, envergadas,
Tenho visto muitas vezes ;
Porém *raizes quadradas* ?!
Irra ! que dentro em dois mezes
Terei as ouças magoadas,
Se de um viver tão grotesco
Não fôr já me pondo ao fresco.

Ter *razão* e ter *grandeza*,
Proporção, *valor*, *potencia*,
Somente ao homem foi dado,
Segundo diz a sciencia ;
Por issa fico *amolado*
E me foge a paciencia
Vendo um X arrenegado
Nisso tudo *framentado* !

« Crescei, multiplicai-vos »
Disse o Eterno aos mortaes ;
Porém os x entenderam
Que nós somos seus iguaes ;
E assim tambem cresceram,
Tambem crearam signaes,
E provocam, dão massada ;
Não parece gaiatada ?

Pois não é ; fallo-te serio,
Não vais pensar que é despeito,
Tem tudo isso o tratante,
Juro-te a fé de meu peito ;
E depois se um estudante
Que detesta o tal sujeito
Ri-se d'elle, brinca, zomba,
Pode dizer : 'stou na bomba !'

Outra causa — não sabias ?
São como nós baptisados !
E que nomes exquisitos !
Ha x cubos, x quadrados,
Tambem ha x infinitos
X bainados, elevados,
E' uma troça de asneiras,
Que põe a gente ás carreiras !

Tambem fazem seus pagodes,
Tambem dão suas funccões ;
Quasi sempre ha barulho
No final — ha reduccões.

E então lá vem montado
No cachaço de um dx
Um dy furioso
Co'as ventas sujas de giz.

Um outra volta rendido,
Quero dizer — sae quebrado
Pelo peso do priminho
Que carrega no costado.

• • • • • • • • •

E se metta um cidadão
Em tamanha trapalhada!
— Já mandei dizer ao velho
Que do *x* não tomo nada.

Outro dia vi-me *bambo*,
Um *dx* tirou-me o pello!
— Apanhou-me lá na pedra,
Ah! meu velho! Que atropello!

O maldito do tal *x*
Pinta a manta aqui na *Escola*!
— Muito breve o veremos
Sustentando até *cartola*!

E' sómente o que lhe falta;
— Tudo mais elle já tem!
Para a obra ser completa,
Dêm-lhe mais isto tambem.

Mas antes que isto dê-se
Eu vou já me pondo ao lado,
Porque se um dia eu vir
O maldito n'esse estado

Com certeza irei ao *Hospicio*
Concertar minha *cachola*,
Pois tão medonho *fantasma*
Far-me ha perder a bola!

Corte, Outubro — 78.

T. PORTOCARRERO.

Eugenio

Quero morrer. Esta vida
Quero morrer. Esta vida
E' p'ra mim um grande, abyssmo.
E' p'ra mim um grande, abyssmo.
— Ando pobre, sem guarida
— Ando pobre, sem guarida
Neste escuro plebeismo.
Neste escuro plebeismo.

Do mundo o pesado lenho
Do mundo o pesado lenho
Carrego já sem conforto.
Carrego já sem conforto.
Quero morrer, mas não tenho
Quero morrer, mas não tenho
Onde possa cahir morto.
Onde possa cahir morto.

Tu que és de amôr—esteio,
Tu que és de amôr—esteio,
De virtudes— protocollo :
De virtudes— protocollo :
— Sepulta-me no teu seio
— Sepulta-me no teu seio
Sobre o marmor de teu collo.
Sobre o marmor de teu collo.

FAVILLA NUNES.

Protesto

A' M. G.

Tu me disseste, em queixosas frases,
Tu me disseste, em queixosas frases,
qu'eu já não tinha te o amor d'outr'ora ;
qu'eu já não tinha te o amor d'outr'ora ;
por isso—eu venho desfazer agora
por isso—eu venho desfazer agora
o mao juizo que de mim tu fazes.
o mao juizo que de mim tu fazes.

Porque motivo tu presumes isto ?
Porque motivo tu presumes isto ?
Porque me julgas fementido assim ?
Porque me julgas fementido assim ?
— Se tu duvidas — se não crês em mim,
— Se tu duvidas — se não crês em mim,
escuta — eu juro pela cruz de Christo;
escuta — eu juro pela cruz de Christo;

« Por ti olvido as demais mulheres,
por ti eu ando perdidinho, louco... »
— Se tudo isto te parece pouco,
sê franca — exige o que mais quizeres.

Depois (tu sabes quanto eu sou sisudo)
à despeito mesmo das queixosas frases,
darei-te um beijo — em signal das pazes,
e assim, meu anjo, acabaremos tudo !

Setembro de 1878.

M. VALLADÃO.

Como sonhei-te

Sonhei-te entre as gazas de meus devaneios,
Nos castos enleios de um brando sonhar !
Teus labios se abrião n'um riso de infante,
Qual flor odorante que beija o luar !

Tu eras tão bella — Consuelo a dormida —
De branco vestida — Valkiria do céo !
A bruma era o berço que manso te erguia
E doce envolvias-te em candido véo !

O euro da noite embalava-te o sonno,
Em molle abandono teu corpo jazia ;
E a basta madeixa dos negros cabellos,
Cahindo em novellos, teus seios cobria !

Assim eu sonhei-te, Eloah seductora,
Do mundo senhora n'um leito de nuvens !
Tão bella te tenho na mente gravada
Oh ! luz emanada de um sonho de Rubens !

Assim eu sonhei-te — ideal, peregrina,
Qual sombra divina perdida nos céus !
Por entre os aromas das amphoras santas
Beijavam-te as plantas os anjos de Deus !

LEOPOLDO CHAVES.

— 238 —

Chronica

Quasi que não chupitam...

Tantos e tão grandes foram os apertos em que andamos
este mez, que chegamos a escrever :

« Monsieur le lecteur : *J'aille que ma qualité de chroniqueur fatigué, pour vous dire que ce mois ne m'est pas possible donner la chronique, et je profite de cette occasion pour...* »

Chegando à este ponto nos lembramos de duas cousas :
1^a que nem todos os leitores da *Revista* poderão tragar uma carta em *francez da Academia* ; 2^a que a falta da *chronica* os poderia deixar com caras de crianças desmamadas ; e como estamos na persuasão de que temos o nosso *que de ama carinhosa*, apressamo-nos em dar aos amaveis leitores, e sobretudo aos assignantes (1), a mirrada *tête* da nossa *intelligencia*.

• •

Dissemos acima que andamos este mez em apertos ; e para que não se suponha alguma *rasão purgativa*, desde já declaramos que o *aperto* foi todo moral.

Quanto ao *physico* — não ha novidade : Nedio, corado e

(1) Como passaram ? Já estão em dia ?

cada vez mais pimpão — o *chronista* vai passando como não é da conta de ninguem. Ouve missa aos domingos, vai ao *Lyrico*, patina no *Prado*, dorme quando tem sonno e na falta deste — toma narcoticos. Foi usando desta receita que encontrou na *Boa Nova*, do Pará, de 21 de Setembro findo, uma solemne descomponenda, em forma de *pastoral*, a um dos redactores da *Revista* por ter se « julgado habilitado, a derruir o throno de Deus » mostrando-se adepto das doutrinas de Comte, Littré, Voltaire e Rousseau. Se o governo lesse aquelle *jornal* era bem capaz de ficar convencido de que as nossas escolas superiores estão num estado deploravel, e então (economia no caso) mandaria trancal-as e remover-nos para o Seminario de Belém: Não teríamos mais engenheiros, nem medicos, nem jurisconsultos, porém teríamos um mundo de reverendos, o que seria muito melhor; não acham, Senhores Conegos (1)?

Somos muito infeliz!

Agora que iamos travar relações com o *Apostolo*; que já tínhamos resolvido ir ao morro do *Castello* despejar a mala la nossa consciencia e prometter jejunar todos os dias até antes do almoço — é justamente quando os maldictos credores lembram-se de chamar o Santo orgão à mansão da quebradeira! E logo quem! O seu Reis! Ah! seu Reis, seu Reis! O senhor é um apostata: Hontem — defensor acerrimo do christia-romanismo n'aquellas columnas immensas, que não valiam dez reis de mel coado, e hoje — por uma questiuncula de dinheiro — o algoz da imprensa catholica, cassando o *exequatur* de publicacão à um dos seus maiores órgãos! Excommungue-o, Sr. Lacerda, excommungue-o: Nem mais um dia de indulgencia, e se tiver por lá algum pedacinho do santo papel — mande-nos para reliquia.

Até agora nos conservamos neutro no terreno da politica; porém em vista dos ultimos actos do Sr. ministro do

(1) Só na administracão e redacção da folha contamos 1, 2, 3, 4, 5!!! Chi! quanta gente de perna encarnada!

imperio, e sobretudo do decreto que crea cursos nocturnos nas escolas publicas —, acompanhemos o *Besouro* — somos liberal!

Muito bem, Sr. Leoncio! O senhor é meu: continue assim que será nosso, será do povo, será de nós todos.

Em quanto os seus nobres e projectos collegas se ocupam de *cousas serias* e vão tomando empanzinações de tricas eleitoraes, o senhor, que é o *nemé* do gabinete, que ainda cheira a estudante — vá creando escolas, vá levantando o nível intellectual, deste povo, que ainda não sabe o quanto vale, que ainda não tem consciencia dos seus direitos, e depois veremos tambem subir o seu nível moral, veremos como sobre taes bases se ha de erguer magestoso o edificio da nossa futura grandeza.

Somos liberal, não ha duvida; e tanto assim que vamos protestar contra o procedimento da Assembléa Provincial do Rio de Janeiro, que, sahindo da esphera de suas atribuições, vae mettendo o bedelho em tudo, menos no que é da sua competencia. Tomem tento, senhores deputadinhos; deixem o governo geral, com quem os senhores nada tem que ver, e procurem saber se ha boas estradas de Macacu para Marapicu, se em Paquetá ja ha escolas, se o povo de Nictheroy pode beber melhor agua e, finalmente, se as goiabas de S. Gonçalo constituem ou não uma fonte de receita para a província:

E' disto que se devem ocupar: Entendem?

Aves que mudam de clima com a mudança das estações, os *rouxinóis* da Companhia Lyrica já sacodem as azas e em breve baterão a linda plumagem; não o quizeram, porém, fazer sem dar-nos quatro representações do *Gua-borem*, fizeram, senão dar-nos quatro.

De todo o elenco d'actual companhia, quem, a nosso ver, soube mais dignamente captar as sympathias do publico — foi a Sra. Marianni. Modesta e correta, tanto na

parte dramatica, como no canto, a intelligente *prima-dona* começou por ser triamente recebida na noite de sua estréa, isto é, quando ainda não havia descansado das fadigas de uma longa viagem; depois — já na segunda noite — conquistou aplausos; e d'ahi por diante, sempre n'uma escala ascendente, foi revelando qualidades de artista consumada, até mostrar que era digna da fama de que viera precedida.

Não podemos aprecial-a no *Guarany*, porque... o Sr. Ferrari ainda desta vez não quiz abolir o pessimo sistema de só dar entrada no imperial theatro à quem deixa os cobres no Castellões ou no *bilheteteiro*, e comprehende-se o quanto este sistema é vexatorio para um chronicista do nosso quilate, que anda sempre à tinar.

Eis a razão porque, em vez de chronicarmos acérca das ultimas representações, fallaremos do *Propheta*, que foi a ultima à que assistimos: Achamos esta peça muito boa, queremos dizer — muito bem cantada, muito bem soprada, e muito bem ensaiada; porém o que mais nos encheu as medidas foi a chegada dos patinadores, alguns dos quaes desmentiam a cada instante o

Ardite e legere
Pal giacco sen van
Del freddo sentiere
Timor non han. *fre*
a&c.

Havia então um sujeito muito alto e muito barbado, que era o descaramento a rodar sobre patins; por cada volta que dava — levava tres trambulhões; e em vez de sumir-se para nunca mais aparecer, continuava a querer patinar e a projectar-se, que era um Deus nos acuda: Tivemos impetos de o esmagar, ao passo que aplaudiamos freneticamente as patinadeiras que cahiam.

Emfim, o *Propheta* é... o *Propheta*, e se o leitor quizer saber quem seja o *Propheta* — puxe pelos cobres e faça o que fizemos.

* *

Uma das festas mais curiosas do Rio de Janeiro é, sem dúvida alguma, a da Penha: O grande numero de romeiros que à ella concorre, os seus habitos e os episódios que se dão — fornecem á um espirito observador materia para

encher volumes e volumes; mas o *chronista*, que nem foi a *Penha*, nem é observador, limita-se a contar o que se deu consigo no domingo 13 do corrente, dia d'aquella festa: *Mui refestellado* vinha elle n'um *bondinho de tostão*, quando ao chegar á rua do *General Pedra*, entram no mesmo *bond*, e sentam-se no mesmo banco, um *Manel* com a sua *Maria* e duas crianças — uma de peito e um menino de 7 para 8 annos.

Binham da Penha e trasiam *roscas e castanhas* em porção suficiente para empanturrar todos os nossos leitores passados, presentes e futuros. O menino empunhava *le sabre de seu pere*, isto é, um *quampo* enorme, caprichosamente retorcido; de repente, não sei porque artes de *berliques e berloques*, desarrolha o *bicho* e ensopa-nos de *cachaça*!

Imagine-se em que estado não ficaria quem se destinava a fazer uma visita de *ceremonia*! A *senhá Maria* tambem não teve duvidas; furiosa como um *cascavel* e vermelha de raixa, ou d'aquillo que vinha no chifre, dependurou-se á orella do pequeno e á cada puxão que lhe dava dizia: « O' menino! então foi p'ra isto que *tumaste o chifre de seu pae?* »

Afinal tivemos de intervir, porque do contrario o pobre menino ficaria desorelhado.

•••

Deste lugar já o *chronista* tem tomado os folhetinistas *Cruzeiro* para seu palito.

Com quanto nunca o fizemos (1), todavia julgamos conveniente dar um conselho à *rasão social G. Vianna & C.* E' o seguinte: « *Conservem Eleazar; passem Rigoletto* para o quadro efectivo e mandem *Beppo* plantar batatas. *Mas (ocorre-nos agora uma idéa) quem sabe se o Beppo do Tutti Frutti não é proprio Rigoletto das notas semanaes?* »

Neste caso,, o nome do individuo influie sobre os seus destinos, e ficariamos com um *carão* maior do que o do Sr. Bernardo Gavião, ao ver a Camara Municipal de S. Paulo capar-lhe a votação e exclui-lo da lista sextupla,

(1) Foi o mestre, seu Vianna; foi o mestre.

apezar do seu erario, por ser empresario, cessionario, usurario e... desnecessario.

Quem com isto se lambeu todo foi o Sr. João Mendes, e mais se lamberá ainda se o imperador, que é um pandego, der-lhe ingresso no senado.

..

A litteratura patria tem nestes ultimos tempos soffrido perdas irreparaveis: Parece que a morte escolhe de preferencia aquelles que á ella se dedicam— para suas victimas!

Hontem era José de Alencar — o genio mais fecundo que temos tido — um talento que valia a reputação de um povo.

Hoje— é Amalia de Figueirôa, distincta escriptora e poetisa rio-grandense— a mimosa cantora dos *Crepusculos*!

E assim vae rareando essa pequena, porém brilhante, phalange de escriptoras nacionaes!

Quem nos resta? Narciza Amalia, Maria Ribeiro, Adelina Fonseca, Julia Monteiro e...

Tão poucas, meu Deus! Tão poucas!

..

E já que fallamos dos mortos, fallemos tambem de um moco que não era escriptor nem litterato, mas que era um romeiro da sciencia, e que acaba de descer ao tumulo justamente quando o futuro parecia saudal-o com os sorrisos da ventura: Estudante dos mais distinctos, modesto e intelligent, Arnobio Barata Góes, pela sua applicação ao estudo, por si sómente, já tinha chegado ao meio de sua carreira scientifica — onde muitos só chegam impellidos pelas auras fagieiras da protecção. Conhecemol-o estudante da *Escola Militar*, onde desde o curso preparatorio até o 3º anno do curso superior, em que se achava, mereceu sempre a estima dos companheiros e a consideração dos lentes.

Sirva isto ao menos de consolo á sua desolada familia, á quem damos os nossos sinceros pezames.

..

E aqui pára o *chronista*: ante dois tumulos tão recentemente fechados, depõe a penna, curva-se respeitoso e vertendo uma lagrima de Saudade!

M. V.

P. S.— Dois grandes acontecimentos obrigam-nos a tomar a penna que já tínhamos deposito e a fallar dos vivos. Um foi a inesperada despedida da insigne artista, a Sra. Marianni, no dia 25 do corrente e o outro o beneficio da Sra. Pozzoni, no dia 28.

Não somos *Pozzonista* nem *Mariannista*: apreciamos o merito onde quer que elle se ache; não nos importa saber se o Sr. Ferrari teve motivos justos para dar por terminado o seu contracto com a Sra. Marianni, ou se o fez simplesmente por *intrigas de bastidores*; limitamo-nos a afirmar que a intelligente artista foi alvo da mais esplendida e espontanea manifestação que nestes ultimos tempos se tem visto nos nossos theatros, o que prova haver ella cahido no gôto do publico fluminense.

Quanto ao beneficio da Sra. Pozzoni, que incontestavelmente é uma artista de muito merito, foi tambem uma festa digna do seu talento; e se o genio artistico da Sra. Marianni teve saudações do Alberto de Oliveira, o poeta das *Torturas do Ideal*, e da Sra. Pozzoni (que pena!) tambem as teve do poeta (?) das *Maguas e Dôres*, que n'um arroubo de imaginação escreveu:

« Juca, bêbê de minh'alma
Tu pôdes morrer aí!...
E se o vapor arreventar-se
Eu tomo o trem vou a pé. »

Affirma-nos quem assistiu ao beneficio da gentil *prima-dona*, que n'aquelle noite ia tudo levando a bréca porque a onda do entusiasmo que se alteia n'estas occasões, chocando-se com os *vagalhões da idéa* que se lançavam do Rego do Sr. Nicolão, além de inundarem o imperial theatro, batiam de encontro ao seu bojo com uma furia tal, que por um triz não veio tudo abaixo.

Houve até quem visse o Sr. Bartholomeu pôr bandeira a meio pau, pedindo soccorro.

Corre, com visos de verdade, que o Apostolo não morreu como se dizia. Tivera apenas um *tremeliques*, isto é, uma *syncope*, motivada pela ingratidão do Sr. Reis, e conta-se que aparecerá no dia de *Todos os Santos*, vespresa de *Todos os defuntos*. O que não dirá elle da *cremação*? *En garde*, M. Leoncio! *En garde*!

V.

Fomos obsequiados durante o mez com os seguintes jornaes: de New-York, *Correspondencia dos Estados Unidos*; da Corte e Província do Rio de Janeiro: *Revista Polytechnica, Phonographo, Monitor Academico, Revista Militar, Domingo, Diário de Campos, Revista Americana e Monitor Campista*; do Piauhy, *O Semanario*; do Ceará, *Pedro II, o Para, A Constituição e Boa Nova*; do Maranhão, *A Escola, Progresso e Commercio de Caxias*; da Paraíba, *A Opinião Liberal*; do Rio Grande do Norte, *O Liberal*; de Pernambuco, *Diário de Pernambuco*; das Alagoas, *Estréa, Infancia e Seculo*; de Sergipe, *Echo Liberal*; da Bahia, *A Ordem*; do Espírito Santo, *Espírito Santense*; do Paraná, *O Paranaense*; de S. Paulo, *Gazeta de Campinas*; de Minas Geraes: *Baependiano, Colombo e Mosaico Ouro-Pretano*; de Santa Catharina, *O Despertador e o Conservador* e do Rio Grande do Sul: *Violeta, Progresso Litterario, Santa Cruz, Livramento, Revista Gabriense, Cruzeiro do Sul e Caiçereiro*: Muito obrigado.